

O BUMBA-MEU-BOI

Manuel Diégues Júnior

O Bumba-meu-Boi representa um dos mais típicos folguedos populares do Brasil. Considera-o RENATO ALMEIDA, mestre de nossa musicologia popular, o bailado mais notável do Brasil. É conhecido de um extremo a outro do nosso território, nas margens do Atlântico, na beira de rios interiores, nos sertões mediterrâneos, nas distantes paragens do Centro-Oeste. Variam seus nomes, é certo, e, por vezes, na própria apresentação se encontram diferenças.

No extremo-norte, no Amazonas e Pará, é conhecido como Boi-Bumbá; no Nordeste, do Maranhão às Alagoas, chama-se Bumba-meu-Boi, embora apareça numa ou noutra localidade com nome diverso, como, por exemplo, Boi ou Careta, no Ceará, Bumba em Pernambuco, Boi Calemba, no Rio Grande do Norte; na Bahia, aparece com o nome de Boizinho, Burrinha, quando o boi é substituído por uma burra, ou Dromedário, quando se apresenta um camelo em vez do boi, sem prejuízo de conservar-se o nome de Bumba-meu-Boi em, pelo menos, 49 municípios; no Sul, em Santa Catarina, é Boi de Mamão; em outras localidades, é Boi Surubi, Brinquedo de Boi, Boi de Reis, ou simplesmente Boi. Esta variação de nome, por vezes, corresponde a peculiaridades regionais. É interessante notar que, em alguns estados, tem variada nomenclatura, sobretudo pela introdução de novos elementos ou pela adaptação do brinquedo a outros tipos de animais, tal como verificamos na Bahia, com o dromedário ou a burrinha.

Outra observação também cabe fazer. É a de que, em alguns casos o Boi figura como parte do Reizado, que é outro folguedo popular, também amplamente difundido. Num Reizado cearense, em Boa Viagem, canta-se assim, na jornada inicial:

Abre a porta, minha gente,
Que nós queremos dançar,
Que nós queremos dançar
Com o boi e o Jaraguá.

As origens do folguedo — do Bumba-meu-Boi — perdem-se na noite dos tempos. Não vale a pena evocarmos aqui as longínquas narrações, de natureza erudita, que ligam o folguedo a vetustas tradições egípcias, asiáticas ou mesmo européias. Vale dizer, principalmente, que no Brasil é antiga sua existência, aparecendo registro de sua presença ainda na época colonial, como uma das manifestações de vida popular, criando e formando tradição.

É evidente sua origem portuguesa, sem que se desprezem as influências que lhe transmitiu o elemento negro. É fora de dúvida que todos os nossos folguedos foram de base essencialmente lusitana, ou, quando menos, foram estruturados pelo elemento português. Em relação a alguns, como a Chegança, o Fandango, a Nau Catarineta, a marca portuguesa continua bem nítida, ao passo que, quanto a outros, se misturou mais intensamente com os traços africanos. É o caso do Bumba-meu-Boi. GUILHERME DE MELO considera-o tão nitidamente português, que lhe atribui ser variante do *Monólogo do Vaqueiro*, de GIL VICENTE, representado pela primeira vez em 1502.

O tema central do folguedo pode ser sintetizado na morte e ressurreição do boi. Para que se alcance esta característica, é que se desenrola o folguedo, reunindo uma série de personagens, que variam de acordo com as preferências e tendências de cada grupo popular, embora existam algumas que são permanentes em qualquer apresentação do folguedo. O elemento constante, fundamental, é, porém, aquele, no qual se encontra simbolizado, como aliás em outros folguedos, a idéia da morte e da ressurreição. Iniciada com uma finalidade religiosa a origem do brinquedo, desenvolveu-se ele dentro deste tema principal, relacionando-se, de outro lado, à importância do boi na vida agrária.

O sentido religioso liga-se, em grande parte, à tradição bíblica da presença do boi no presépio, aquecendo Jesus com seu hálito. Incorporou-se às tradições católicas. Outro aspecto dessa ligação podemos encontrar ainda no fato de o Bumba-meu-Boi apresentar-se, de modo geral, no ciclo de Natal, entre 24 de dezembro e 6 de janeiro. É certo que em alguns pontos do Brasil aparece

também no período junino. FRAZER refere-se, igualmente, à figura bovina nos cultos agrários. Em vários países usa-se fazer bois de palha no fim da colheita. E até nós chegou a crença de colocar-se uma caveira de boi, nas cêrcas de uma lavoura, para preservar de mau olhado. Assim ligaram-se os dois elementos: o religioso e o agrário.

O Bumba-meu-Boi se irradiou por todo o Brasil, o que foi facilitado pela presença da pecuária ou de atividades agrárias, de que o boi participa em quase tôdas, ou em tôdas, as regiões brasileiras. O Bumba-meu-Boi é um folguedo com tôdas as características da tradição pastoril, pois o boi representa o interesse de vida da população regional. As figuras que nêle aparecem, simbolizando personagens tradicionais, são justamente elementos ligados à criação de gado. O que os alegra é o boi, dançando, brincando, folgando; mas a tristeza chega quando o boi morre. A ressurreição, porém, é novo motivo de alegria.

O folguedo é um produto mestiço, que, trazido basicamente de Portugal, aqui sofreu as adaptações indispensáveis, oriundas da cultura que então se formou, decorrente do encontro entre os grupos humanos aqui reunidos que originaram o mestiço. Imaginação, malícia, expressão moral — isto é sobretudo do mestiço, o bom mestiço brasileiro, que faz agricultura e criação de gado. Não lhe falta a sátira, o espírito irônico do povo, traduzindo suas idéias.

O Bumba-meu-Boi pode ser assim resumido: o amo, dono do boi, confiou o animal a um vaqueiro. Em tôrno do boi, numa alegria de festa, surgem os “caretas”, que vão estimulando a dança do boi cantando:

Ei bumba, ei bumba meu boi!
Dá nos caretas, ei bumba!
Faz meia-lua, ei bumba!

Faz lua inteira, ei bumba!
Dá meia volta, ei bumba!
Dá volta e meia, ei bumba!
Ei bumba, meu boi!

O vaqueiro Mateus, porém, andou tomando uns goles, excitou-se na dança e tanto provocou o boi que este chegou a agredi-lo. Em conseqüência, dá uma pancada no boi, que o mata. Em outras versões são os “caretas” que matam o o boi. Enquanto se vai desenrolando esta representação, aparecem animais e personagens que participam da festança, até o momento do sacrifício. Morto o boi começa a cantoria de lamentação:

O meu boi morreu,
que será de mim. . .
Manda buscar outro,
ó maninha,
lá no Piauí.

Tenta-se, então, ressuscitá-lo. É chamado o curandeiro, depois o padre, e finalmente, o médico que aconselha a “ajuda”, expressão regional para o clister. Praticado o remédio, o boi ressuscita. A volta do boi reacende a alegria, reanima a festa, novas danças, cantos, aparecem, e todos participam do entusiasmo coletivo.

O boi é uma armação, espécie de engradado, coberto com chitão barato, com a cabeça de uma rês, os chifres pregados na madeira. O engradado ou armação é de forma que permite a um homem colocar-se debaixo dêle, podendo levantá-lo do chão e sair dançando pelo terreno.

Em alguns lugares, geralmente, o boi é apresentado em tablados armados, em outros percorre as ruas. Em Santo Amaro, na Bahia, uma descrição que possuímos, apresenta o boi percorrendo as ruas, em cortejo, com o vaqueiro vestido como tal, tirando as toadas, que são respondidas pelos companheiros. O boi arremete-se contra um, ora contra outro, dançando sempre.

No boi, além dos animais — o próprio boi, a burrinha, o jaraguá, o urubu — aparecem como personagens o Mateus e o Bastião ou Gregório, vaqueiros escravos do capitão, um negro, o primeiro, outro, caboclo ou índio, o segundo; Mateus é um sabidão, ao passo que Bastião — em outros folguedos, Gregório

— é tolo; a Catirina, os “caretas”, que formam o público participante do folguedo, o capitão ou dono do boi, etc. Os personagens nunca deixam de dançar; entram e saem de cena sempre dançando. A função dos “caretas” é fazer graças, provocar o boi, estimulando-o, atizar os vaqueiros, etc.

Este é pois, o Bumba-meu-Boi. Esta dança dramática foi considerada como o folguedo brasileiro de mais significação estética e social. Quem o assiste não duvida, nem duvidará jamais, da verdade dessa assertiva. Aí está a manifestação popular, a imaginação do mestiço brasileiro, a criação do povo, traduzida nesta dança dramática, auto popular, folguedo, que representa uma das mais puras tradições do Brasil na variedade de aspectos regionais de sua vida popular.

